

## OS VELHOS INCAS E O NOVO MILÊNIO

CELSO GESTERMEIER DO NASCIMENTO - UFCG

### INTRODUÇÃO

O objetivo desta apresentação é compartilhar um pequeno estudo que realizamos a respeito dos acontecimentos ocorridos em outubro do ano passado na Bolívia e que consideramos que não teve divulgação satisfatória pela imprensa brasileira e que, no entanto, acreditamos que seja apenas a ponta de um iceberg que vem se aproximando de algumas nações latino-americanas em que o caráter étnico é fundamental e utilizado explicitamente em oposição ao sistema neoliberal propondo-se, inclusive a unir os vários povos indígenas desses países.

### A TRAGÉDIA DE OUTUBRO DE 2003

O mês de outubro de 2003 entrará para a história boliviana como um “outubro negro” ou “outubro vermelho” devido as mortes e advindas dos conflitos entre manifestantes e o Exército em várias cidades.

No dia 12 a cidade de El Alto – distante 12 quilômetros da capital La Paz, e onde fica o aeroporto – oito pessoas foram mortas pelos soldados, totalizando 19 baixas em um mês de manifestações. No dia seguinte o vice-presidente, Carlos Mesa, rompeu com o presidente Gonzalo Sanches de Losada mas não renunciou ao cargo, esperando com isso ser nomeado novo presidente do país. A seguir, o governo suspendeu a exportação do gás e dois dias depois, a capital boliviana estava isolada do restante do país, com manifestantes tomando as estradas e organizando barreiras, assim como também acontecia com relação ao aeroporto<sup>1</sup>. Já se percebia a falta de comida, escolas e comércio fechados e os hospitais tinham problemas em socorrer pacientes. Mineiros, cocaleiros e camponeses tornavam-se os principais manifestantes a chegar a cidade e era comum ouvir-se gritos de “Guerra Civil” entre os manifestantes. A 16 de outubro o presidente estava cercado e já não podia deixar o Palácio presidencial, o desabastecimento tornava-se cada dia mais sério, com a batata sofrendo uma elevação de preço da ordem de 76% e o preço do gás saindo de 21 para 71 bolivianos. Cerca de 50.000 manifestantes marcharam pelas ruas da capital, enquanto o presidente Lozada, em entrevista à TV CNN dizia tratar-se de uma minoria vinculada ao cultivo da coca e ao terrorismo. Cidades como Cochabamba e Sucre também sofriam manifestações, assim como Oruro, Potosí e Santa Cruz de la Sierra<sup>2</sup> e em várias partes do país eram iniciadas greves de fome enquanto os soldados cercavam as antenas da TV Cadena A e a RDP foi tirada do ar.

Finalmente, a 17 de outubro os manifestantes foram atendidos: o presidente Losada renunciou, após 14 meses de governo e de 120 mortes, sendo empossado o vice-presidente Carlos Mesa. E, em 20 de outubro, a Central de Trabalhadores da Bolívia suspendeu sua greve geral, no mesmo dia em que o ex-presidente chegava a Miami. Enquanto isso a oposição já pressionava o presidente Carlos Mesa a diminuir a participação de estrangeiros na exploração de minérios, o fim da repressão aos plantadores de coca e maior poder aos índios.

Os conflitos de El Alto foram basicamente realizados pelas “juntas vecinales” (associações de bairro), em particular no bairro Rio Seco, onde morreram 54 pessoas em 12 de outubro. Inclusive apontou-se a importância da morte de um soldado por não cumprir as ordens superiores de atirar em civis. Ao final, a oposição organizou a “Marcha da Paz”, onde

foram acertados 90 dias de trégua para que o novo presidente organizasse o governo. Mesa se prometeu a atender três reivindicações indígenas: realizar um plebiscito sobre a exportação de gás, convocar uma Assembléia Constituinte e revisar a Lei dos Hidrocarbonetos, ante a insistência popular de industrializar o gás antes de exportar e, assim, gerar mais empregos.

## POR QUE?

Outras manifestações já haviam ocorrido em fevereiro, totalizando 32 mortes, desde que o presidente efetuou cortes no orçamento para cumprir acordo com o FMI. Recentemente, as manifestações foram causadas pelo descontentamento da população frente ao projeto do governo de exportar gás para Estados Unidos e México através do Chile. Tal fato se deve a ressentimentos da população com a Guerra do Pacífico em que, em 1879-1983, o país vizinho conquistou da Bolívia a sua saída para o Pacífico e a preferência, pela oposição, do Peru como local de escoamento ou mesmo que o gás seja usado para abastecer famílias bolivianas que ainda hoje valem-se de excrementos de animais como combustível.

Tal projeto, afirmava o governo, renderia um possível lucro de US\$ 1,5 bilhões de dólares, pois a Bolívia é o segundo país da América do Sul em reservas de gás, superada apenas pela Venezuela e, no entanto, segundo a oposição boliviana, o Estado ficaria com o equivalente a apenas 18% do gás exportado.

Outro elemento de tensão com relação a Losada é o fato de que, quando presidente em 1993 ele aplicou um programa de privatizações que colocou parte do gás do país nas mãos da companhia espanhola Repsol<sup>3</sup>. Ou seja, na verdade Losada desde os anos 1990 vem defendendo uma política neoliberal e cumprindo acordos com o FMI, num período em que a economia do país caminhava para uma estagnação, cujo crescimento em 2002 foi de apenas 2,4%, as exportações do país hoje são menores que em 1978 e a renda per capita da população diminuiu em 0,4% desde que começaram as reformas neoliberais<sup>4</sup> e hoje o país encontra-se, junto com Haiti e Paraguai, entre os mais pobres do continente.

Some-se a isso o fato de que o ex-presidente Gonzalo Sanchez de Losada nunca foi um político muito popular, pois recebeu 23% dos votos na campanha de 1989, 37,8% em 1993 (quando foi eleito) e 22,5% em 2002, quando venceu o líder cocaleiro Evo Morales no segundo turno da campanha, numa votação indireta, no Congresso Nacional.

## A QUESTÃO ÉTNICA:

As manifestações que forçaram a renúncia de Losada tiveram um preponderante componente étnico, sendo lideradas por índios de etnia aymará e quéchua, através da Central Trabalhadora Boliviana (CTB). Somente em El Alto, cerca de 70% da população se identifica como aymará<sup>5</sup>, num país em que o Censo de 2001<sup>6</sup> aponta para a existência de 25% de aymarás, 30% de quéchuas, 30% de mestiços e apenas 15% de brancos, numa população de apenas 6.500.00 habitantes.

O componente étnico é tão importante nesses movimentos que o presidente Lozada era chamado pela população de “Gringo”, devido ao fato de ter estudado nos Estados Unidos e falar com forte sotaque e, ainda, pelo fato de não ter um índio em seu ministério. Aliando-se esse componente com o passado de humilhação, a que a população indígena vem sendo submetida desde o período colonial, com a fome e a miséria do país, temos uma combinação explosiva. Isso explica o fato de setores de classe média e média alta da cidade de La Paz terem se sentido inseguros durante as manifestações, inclusive pressionando o governo a chamar os “rangers de Santa Cruz”, pois os soldados de La Paz também são em sua maioria índios e seria possível que aderissem aos manifestantes.

## O MOVIMENTO INDÍGENA PACHACUTI

Durante tais acontecimentos uma liderança – entre outras – chamou-nos a atenção: Felipe Quispe. Ex- candidato à presidência da República boliviana, ele surpreende por sua

radicalismo na defesa da nação indígena na Bolívia. Autor de um livro sobre Tupaj Katari (Tupaj Katari, vive y Vuelve – 1990), aquele que, em 1781, levantou-se contra o Império Espanhol e foi morto, esquartejado por quatro cavalos, tornou-se um personagem símbolo nessa luta. Fundador do Exército Guerrilheiro Tupaj Katari nos anos 90, entre os anos de 1992-1997 foi preso pelo governo, período em que aproveitou para estudar história no Centro de Educação Média de Adultos e, posteriormente, matricular-se na Universidad Mayor de San Andrés. Um dos criadores do Movimento Indígena Pachacuti, é deputado e presidente da Confederação Sindical Única dos Trabalhadores Campesinos de Bolívia (CSUTCB).

Felipe Quispe adotou o título de “Mallku”, que é uma referência de poder e de autoridade política, conjuntamente com sua esposa. A palavra refere-se à expressão aymará “*Mallku Kunturi*”, que significa “senhor da grande altura”. Assim, o Mallku é uma referência ao condor, que reina nas alturas e é um animal sagrado para os aymará, demonstrando que a simbologia incaica é utilizada com finalidades políticas por Quispe.

A seguir fazemos uma pequena reflexão acerca dos principais elementos que compõem a visão de Felipe Quispe acerca da atuação do Movimento Indígena Pachacuti e que vem fazendo parte de nossa pesquisa sobre movimentos camponeses na Bolívia:

1- Trata-se de combater o que Quispe chama de “proyecto social monoétnico blanco”, ou seja, num país em que os brancos – q'aras – são minoria numérica, a imensa maioria índia (segundo ele chega a 90%) é discriminada e desprezada, seus valores são criticados e valorizam-se as características “criollas”<sup>7</sup> da sociedade. Há um conflito entre dois mundos que resulta em imposição de um sobre o outro, do branco sobre o indígena e, nessa visão, os “criollos” que dominam a Bolívia representam apenas a continuidade do mundo espanhol colonial. Para Quispe, não há uma cultura mestiça ou “criolla”, somente a europeia, o que obriga o MIP a uma campanha de re-indianização, para que a cultura original não seja perdida, pois ele funciona como uma espécie de instrumento político da CSUTCB e, por imediato, das nações indígenas, propondo-se até mesmo a assumir o poder político.

2- Organização do MIP: segundo o próprio Felipe Quispe, o Movimento Indígena Pachacuti deve nutrir-se de gente jovem e ainda não corrompida, ou seja, não militantes de partidos políticos, de forma que o movimento possa contar com ferramentas novas de ação. É interessante acrescentar que ele acredita que há uma “contaminação” das tradições indígenas pela cultura estrangeira, principalmente europeia, por isso a necessidade de se trabalhar com a juventude “não corrompida”, de forma que o MIP possa atuar “ideologizando, indianizando a nível nacional”. Assim, o movimento aparece como um instrumento político de afirmação de outro estado, o da nação Qullasuyu que, ao mesmo tempo em que combate a Bolívia – produto “criollo”- deve aprender a agir dentro das leis nacionais bolivianas, já que se propõe a atuar politicamente combatendo a elite opressora.

Essa dupla relação com a nação boliviana, de oposição e ao mesmo tempo de participação é, sem dúvidas, um dos maiores – senão o maior – dos problemas que o movimento deverá enfrentar ao tentar assumir o lugar de “mais poderoso movimento indígena da América do Sul”.

3- O projeto do MIP é, talvez, a essência de seu radicalismo: Quispe parte do pressuposto que a história quechuaymará foi interrompida pela chegada do conquistador espanhol que continua até hoje nas mãos de seus descendentes. Assim, o projeto do MIP deve ser uma retomada da nação Qullasuyu, formada pelos povos aymará e quéchua, de antes da chegada dos espanhóis, tratando-se de retornar a um tempo em que não havia pobreza, fome ou humilhações. Logo, não se trata apenas de uma luta de classes, ou seja, a situação da população quechuaymará não é apenas uma questão econômica ou de ser incorporada à nação boliviana e sim de uma luta de nações, de recusa à nacionalidade boliviana e, na medida em que o elo de ligação entre essas pessoas for uma cultura ancestral comum, e não a pobreza, isso unirá diferentes setores da sociedade boliviana, aglutinando operários, camponeses, estudantes, professores rurais, motoristas etc, ou seja, campo e cidade. E, ainda segundo Quispe, tal projeto não deverá ser excludente, na medida

em que no MIP há espaço para outros intelectuais, que serão o cérebro da organização e que haverão de ajudá-la a tomar o poder político, embora não deixe claro como seria a relação com esses intelectuais e sua procedência.

Essa discussão é ainda bastante incipiente, por tratar-se de um trabalho de pesquisa recentemente começado, mas esperamos que essas questões possam servir para que, ao menos, passemos a prestar mais atenção a uma forma importante de atuação política que vem se desenvolvendo no contexto da América Latina, mas – como é comum ao tratar-se de questões indígenas – muito pouco espaço vem tendo na mídia brasileira.

#### BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:

Folha de São Paulo. 13 a 23 de Outubro de 2003. São Paulo.

SCHELP, Diogo. A Rebelião dos miseráveis. VEJA. São Paulo, 22 de Outubro de 2003.

CAMARGO, Cláudio No olho do furacão. ISTOÉ. São Paulo, 22 de Outubro de 2003.

ARBEX JR., José. E A Bolívia disse não. CAROS AMIGOS. São Paulo, Novembro de 2003.

BRUIT, Hector H. Revoluções na América Latina: o que são as revoluções? México e Bolívia, Cuba e Nicarágua. SP: Atual, 1988. (Coleção Discutindo a História).

#### Sites Pesquisados:

GUAMAN, Felipe. Preparando la revolución indígena en Bolívia. In [www.nodo50.org/pretextos/bolivia1.html](http://www.nodo50.org/pretextos/bolivia1.html) (site visitado em 11/02/2004)

[www.aymaranet.org](http://www.aymaranet.org)

[www.nodo50.org](http://www.nodo50.org)

#### NOTAS

<sup>1</sup> A cidade de La Paz fica numa altitude de 3500 m, é a maior altitude entre capitais do mundo. Sendo cercada por montanhas em torno de 5000 metros, os bolivianos dizem que foi construída num “buraco” o que torna fácil ser sitiada.

<sup>2</sup> Santa Cruz de La Sierra é o principal pólo de desenvolvimento do país, concentrando 32% do PIB e 50% das exportações do país. Distante 900 Km da capital, seus empresários vêm, atualmente, pressionando o presidente Carlos Mesa para convocar uma nova Assembléia Constituinte que dê maior autonomia da região com relação a La Paz.

<sup>3</sup> A Repsol também adquiriu empresas argentinas durante o processo de privatização.

<sup>4</sup> A renda per capita da Bolívia hoje é de US\$ 950,00/ano ou seja, menor que antes da reformas.

<sup>5</sup> El Alto é uma cidade que reúne cerca de 800.000 habitantes, em sua maioria migrantes pobres do interior.

<sup>6</sup> De acordo com dados disponibilizados pela Folha de São Paulo em sua edição de 20 de Outubro de 2003.

<sup>7</sup> Diz-se “criollo” ao branco, filho de espanhóis nascidos na América